

TÍTULO: PROCESSO DE LUTA PELA CERTIFICAÇÃO DE MOITA DA ONÇA HISTÓRIA E IDENTIDADE QUILOMBOLA.

Ednalva Santos da Silva [1]

Círculo de Saber: Conhecimento, saberes e práticas educativas nos movimentos sociais e comunidades tradicionais

Resumo:

O presente artigo visa abordar o processo de luta para a certificação da comunidade de Moita da Onça como comunidade remanescente de quilombo. Tem como objetivo fomentar e fortalecer a identidade quilombola na comunidade de Moita da Onça. Os aportes teóricos desse estudo estão no artigo 68 da Constituição Federal de 1988, nos estudos de Beatriz Nascimento, Fonseca e Souza. Para tanto concluiu-se que a partir desta experiência foi possível identificar o processo de organização comunitária para a conquista da certificação da comunidade, o quanto foi fundamental o trabalho realizado pelo coletivo de mulheres para alcançar o êxito das ações. E do mesmo modo o quão será desafiante permanecer na luta e resistência para o desenvolvimento e proteção do território quilombola.

Palavras-chave: Certificação; Comunidade; Quilombo.

[1] Ednalva Santos da Silva, professora da escola Municipal Joaquim Pereira dos Santos, estudante do Mestrado em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail nalva.sorriso@bol.com.br.



Introdução

A comunidade de Moita da Onça tem sua origem nas famílias que migraram do Cerrado e para ocupar essas terras que pertenciam a dona Inês que herdou como herança de sua família e após suas filhas casarem vieram habitar a região. Os filhos de Antônio Pereira ao se casarem saíram do Cerrado, onde tinham sua matriz familiar hereditária e ancestrais com os negros que vieram fugidos e construíram o quilombo no local definido como de mata pequena que deu origem a Matinha.

Conforme Fonseca (2021.pg 54), “a existência dos quilombos brasileiros é fruto de um processo histórico que remete ao período de colonização, em que muitos africanos foram violentamente arrancados de suas casas, sua terra mãe veio para o Brasil, realizar trabalhos pesados.”

Ao se estabelecerem na comunidade conhecida pelos moradores como Fazenda Alto Mundel nesse período só depois recebeu o nome de Moita da Onça. Essas famílias trouxeram suas tradições e o modo de viver e ser do quilombo para este pedaço de chão, onde permaneceram e deram a esse lugar a cor e o sabor do quilombo.

> Os quilombos contemporâneos caracterizaram-se como grupos étnicos ,ou seja, comunidades negras rurais e urbanas habitadas por afrodescendentes escravizados que conservam entre si traços da ancestralidade africana, como laços de parentesco muito forte, mantém viva a cultura , a memória dos antepassados, possuem modo de produção própria baseado no sistema subsistência –modo de produzir com respeito à natureza, forma de organização social fundamentada nos princípios da coletividade e solidariedade, relação de pertencimento com a terra. Fonseca (2021. Pg 62).

Um aspecto que atraiu esta população a esta região é a aproximação da comunidade com as lagoas Salgada e Mundel o que contribuiu para sobrevivência desta população, os moradores usavam as águas para pescar peixe, lavar as roupas e realizar as manifestações religiosas e culturais, pois é inseparável a relação do povo do quilombo com os elementos água, solo, e fogo.

> Após a abolição da escravidão, o termo quilombo toma outro significado a partir da formação de comunidade negras, tornando-se agora um espaço de morada e sobrevivência de famílias negras egressas do cativeiro, bem como de preservação de seus valores culturais. Souza (2016.pg.43)



Durante muito tempo não se falava na definição de quilombo não é que as pessoas não se reconheciam como quilombolas, todos sujeitos que moravam no campo eram denominados trabalhadores rurais, ou seja, não havia uma definição que contemplasse sua relação com o quilombo, com a terra, com a cultura, com a religião, com a ancestralidade, memória e oralidade.

Esse definição passou a existir depois da constituição de 1988 no artigo 68 que define que Os remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.

No entanto, esse debate permaneceu distante das comunidades tendo início apenas, a partir no final da década de 90, ou seja, existiu um período entre a promulgação da Lei e sua e efetivação nas comunidades de Feira de Santana que ocorreram devido à pressão dos movimentos comunitários.

A necessidade da certificação foi aguçada nas comunidades a partir do diálogo com outras comunidades certificadas, com vistas a fortalecer as lutas do povo de quilombo e ter acesso as políticas públicas e a proteção dos respectivos territórios.

> Se entendermos o território apenas como uma área delimitada e constituída pelas relações de poder do Estado, consoante ao entendimento na geografia, estaríamos desconsiderando diferentes formas de enfocar o seu uso, as quais não engessam a sua compreensão, mas a torna mais complexa por envolver uma análise que leva em consideração muitos atores e muitas relações sociais. Milton Santos (1978, p. 122)

Este trabalho tem com objeto de estudo compreender os desafios do processo de luta pela certificação de Moita da Onça. Como objetivos; Fomentar e fortalecer a identidade quilombola na comunidade de Moita da Onça; Destacar a importância da organização da comunidade por meio de uma comissão cultural quilombola; Registrar as ações realizadas no processo de luta pela certificação da comunidade.

A metodologia utilizada foram as entrevistas narrativas com vistas a construir o contexto histórico, social e cultura da comunidade com os elementos presentes na cultura quilombola. Para Machado-Spence(2014), “Essa técnica de geração de dados, busca romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas e gerar textos narrativos sobre as experiências vividas, que, por sua vez, nos permitem identificar as estruturas sociais que moldam essas experiências.”

Desde modo, o presente estudo se dispõe a abordar o processo de luta para a conquista da certificação da com comunidade com enfoque a organização e



mobilização comunitária para a elaboração do relatório, assim como debates e formação sobre a identidade quilombola.

Metodologia

O processo metodológico utilizado para a elaboração do relatório foram entrevistas narrativas e registro das informações tanto nas visitas as famílias quanto nas reuniões ocorridas. Nesse processo contamos com nossa matriarca dona Daria com 102 anos que a parir de suas memórias e vivências contribuiu de forma efetiva com a construção do relatório, foram muitas manhãs de domingo ouvindo as suas falas e apresentação da árvore genealógica da Matinha, carregada de detalhes e com a conexão de parentesco entre os moradores das comunidades que compõem o Distrito da Matinha.

> Utilizamos entrevistas narrativas para geração dos dados da pesquisa, visto que nelas o sujeito se expressa, trazendo em sua voz o tom de outras, pensando no contexto de seu grupo, gênero, etnia, classe social, momento histórico, social e cultural. Esse dispositivo de entrevista se constitui em uma maneira específica de produção de dados, por meio da reconstrução dos acontecimentos sociais, a partir da perspectiva dos sujeitos de uma investigação. Moura (2015, p. 02)

As entrevistas narrativas faz uma conexão entre as histórias de vida e os contextos sócio históricos por meio das vivências e memórias individuais que expressam os fatos e eventos históricos ocorridos em um determinado período, o objetivo das narrativas no caso aqui especifico da construção do relatório, é entender o contexto histórico de fundação da comunidade de Moita da Onça, por meio das narrativas sobre a chegada das famílias advindas do Cerrado , do Jacu ,Candeal entre outras comunidades ,das manifestações culturais como o boi de cova, rei roubado, a história do Brega de Maroca , as experiências da parteiras rezadeiras, a religiosidade.

Nesse sentido compreender o contexto histórico da comunidade de Moita da Onça, se utilizando da memória, oralidade, coletividade e ancestralidade para a construção do relatório, destinado a Fundação Palmares. Constitui-se em uma tarefa desafiadora, mas prazerosa sob a luz dos princípios quilombolas foram permeadas todas as ações.

> Assim, para Beatriz, quilombo é prática política, é organização sócio histórica e se inscreve numa cosmovisão de matrizes africanas. O aquilombamento é organização, territorialidade e pertencimento ancestral. Através dela, tal conceito foi ampliado e, a partir de tais dimensões discursivas, o quilombo também se inscreve na decolonialidade do saber. (Nascimento 2022, pg.42)



Para viabilizar a composição do relatório que tinha como requisito a apresentação de documentos, fotos, imagens, reportagens, para organizar as ações, a comissão dividiu as tarefas entre os membros, sendo cada um responsável por apresentar os documentos, os quais sua família continha como registro de nascimento, certidão de casamento, documentos de terrenos, um trabalho que consistiu em reunir e organizar documentos que durou 03 meses. Nesse sentido o comprometimento de cada um foi fundamental para o sucesso das ações.

As visitas foram cheias de emoção, lembranças, risos contagiantes a partir das narrativas dos moradores que ao rememorar suas vivências saudosas, vividas na em comunidade e com seus familiares. Nesse processo contamos com as contribuições de dona Beatriz fundadora da escola, igreja e da associação, uma liderança da comunidade que teve um papel importante na sua organização social, dona Maura neta de Antônio Pereira que narrou os momentos ricos com seu avó sobre os negros do Cerrado, e a relação de sua família que esses negros que vieram fugidos para o Cerrado.

> Ao se contemplar um espaço de relevância histórica, esse espaço evoca lembranças de um passado que, mesmo remoto, é capaz de produzir sentimentos e sensações que parecem fazer reviver momentos e fatos ali vividos que fundamentam e explicam a realidade presente. Essa memória pode ser despertada através de lugares, edificações e de monumentos que, em sua materialidade, são capazes de fazer rememorar a forma de vida daqueles que no passado deles se utilizaram. Cada edificação, portanto, carrega em si não apenas o material de que é composto, mas toda uma gama de significados e vivências ali experimentados (TOMAZ, 2010, p. 2).

Pontuamos a atuação de seu Bonifácio no sindicato dos trabalhadores rurais de Feira de Santana, recordamos o processo de luta pela terra vivido pela família de Rita Pereira que marcou a comunidade na década de 70, as narrativas de dona Daria sobre o Cerrado e as relações parentais existentes no Distrito , registramos as histórias de dona Honorina que narrou fatos sobre a passagem Lampião na região , assim como a presença da mulher de um dos capangas do grupo de Lampião , como moradora da comunidade por um período.

Contamos também com informações sobre as semente criolas concedidas pela técnica Ângela, registramos as narrativas da parteira e das rezadeiras, assim como as narrativas dos cantadores de reisado, cantadores de boi de cova. Identificou-se as



tradições locais como açougue de Felix, o Açougue de seu Antônio, as manifestações culturais no espaço de Paulo Bode e a religiosidade da comunidade.

Desse modo, este trabalho foi composto de vários elementos que ajudaram a contar história do povo de Moita da Onça. Logo após a conclusão do relatório, no dia 10 de novembro de 2023, foi enviado para o e-mail institucional da Fundação Palmares, onde permaneceu em apreciação pela instituição. Enquanto aguardávamos o resultado, a comissão formada para discutir as questões quilombolas foi se consolidando como uma organização.

Vale ressaltar que a composição desta comissão é em sua maioria de mulheres e negras e quilombolas, que com muita garra decidiram criar esta instituição como representante dos interesses da comunidade remanescente quilombo de Moita da Onça. Para Nascimento (2022 pg 42), “Daí a importância de cada vez mais explicitar, estudar, debater, pesquisar e divulgar o pensamento de mulheres negras ao longo de nossa história.”

Nessa perspectiva os membros da comissão foram nomeados como coordenador da juventude, projetos, alimentação, decoração, religião de Matriz Africana, sindicatos, artesãos, igrejas e a escolha destes campos teve como base a relação dos representantes com as instituições presentes na comunidade, assim como as das habilidades e saberes.

Certificação da comunidade

A primeira certificação foi da comunidade de Lagoa Grande como Comunidade remanescente de quilombo, uma comunidade que assim como Moita da Onça nasceu, a partir da vinda de Luiz Pereira que saiu do Cerrado da Matinha para habitar essa comunidade e segunda a fala de dona Daria, ele se casou e foi para a região que era pouco habitada e havia muitas terras, o que o atraiu para construir sua família nesse território.

> O título do território não é emitido em nome das pessoas que compõem o grupo, mas sim no nome da associação que representa a comunidade. A outra especificidade é que o Decreto 4887 prevê a garantia de um território e não apenas da terra. Diferente de outras formas de propriedade, o território quilombola não é apenas aquele espaço ocupado de forma individual, ele corresponde a uma área comum. A extensão dessa área é definida pela própria comunidade, não por terceiros, sua identificação leva em conta a



> possibilidade de garantia de sobrevivência do grupo. O Decreto 4887/2003 também identifica o sujeito desse direito quilombola ao estabelecer alguns critérios como: grupos étnico-raciais, autoatribuição, trajetória histórica própria, relações territoriais específicas, ancestralidade negra. Moraes (2015, p. 3

Depois dessa conquista os debates aumentaram sobre a questão quilombola no território da Matinha o que culminou com a segunda certificação da Matinha ,no ano de 2014 e em seguida foi a comunidade de Candeal ,a lutar pelo sua certificação que veio a acontecer no ano 2017, após essas mobilizações e discussões a respeito da importância do reconhecimento oficial como comunidade remanescente de quilombo, a quarta certificação acontece depois de 07 anos em 2024, a comunidade Moita da Onça é reconhecida como remanescente de quilombo.

Conforme Souza (2016 pg.28)," neste momento a identidade quilombola de Matinha dos Pretos, até então silenciada, vem à tona enquanto instrumento para a conquista de direitos por parte dos seus moradores."

Nesse perspectiva entendendo o Distrito da Matinha como um território quilombola, espera-se que os debates permaneçam para que as demais comunidades busquem seu reconhecimento para fortalecer o quilombo, terra onde os negros se refugiaram e lutaram pela sua sobrevivência e proteção de seu pedaço de chão. E essa luta pela proteção de nosso território está presente nos dias atuais, com novos senhores e diferentes chibatas.

> Para melhor compreender o processo de tomada de consciência sobre os direitos sociais pelos/as moradores/as da Matinha, podemos dialogar com a definição de Émile Durkheim sobre consciência coletiva de que seria está um "conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade que forma um sistema determinado com vida própria"26. Dessa forma, compreendemos a organização social nas comunidades que compõe a Matinha, especialmente nas comunidades de Matinha dos Pretos e Candeal, enquanto resultado desta consciência coletiva. Souza (2016, pg28)

No ano de 2018 a comunidade do Candeal na pessoa de Francisca buscou a associação da comunitária de Moita da Onça para abordar sobre as questões quilombolas e da necessidade da instituição promover o debate com os moradores. Na mesma oportunidade Francisca entrou em contato com a professora Ednalva para um diálogo sobre a importância das comunidades que compõem o Distrito da Matinha solicitarem a Fundação Palmares a certificação.

Tendo em vista que a auto declaração por si só não garante o acesso as políticas públicas e a proteção garantida na legislação aos territórios quilombolas que vem



sendo ameaçado pelo avanço imobiliário, e por decretos municipais que define a abrangência da área urbana, incluindo áreas rurais no perímetro urbano sem a atenção as normas de proteção as comunidades quilombolas, era necessário conquistar a certificação como instrumento de luta e resistência.

Para tanto Fonseca afirma (2021.pg 54),” a contemporaneidade atribui novos significados às demandas históricas e implica na ampliação das lutas sociais em busca de direitos na sociedade, entre eles o direito à propriedade coletiva e a identidade histórica, dinamizada pela cultura da contemporaneidade.”

No período da COVID (doença do coronavírus), houve a vacinação dos grupos prioritários na unidade de saúde da Matinha, mas os moradores da Moita da Onça, mesmo sendo quilombolas não tiveram acesso a essa direito por não ser legalmente reconhecidos. E esse debate estava presente nos bares, na igreja, nos espaços sociais onde os moradores se reuniam, inclusive foi feita uma lista com as famílias remanescente do quilombo entregue a enfermeira do posto, mas que não houve resolutividade, pois não se tinha a compreensão dos laços hereditários e as relações de luta pela terra e vivências culturais e históricas como princípios quilombolas que definia estes sujeitos como quilombolas.

Nesse processo aconteceu um sepultamento na comunidade e como se sabe os sepultamentos no quilombo é momento de encontro e solidariedade e até o raia do dia muitas histórias são contadas. Esse assunto se fez presente na pauta e em um diálogo de Rita com a professora, a mesma disse que estava se organizando para começar a escrita da história da comunidade. A moradora Rita se torna membro da comissão, e esteve no apoio durante os desafios para a construção do documento, no incentivo para que a professora não desistisse.

Esse fato fez retornar a discussão que se iniciou em 2018, esse contexto se somou à disponibilidade da professora que no momento devido a acidente doméstico, estava afastada das suas funções enquanto professora, o que possibilitou mobilizar a comunidade e elaborar o relatório.

Que junto com uma comissão de 15 pessoas começou a dar os primeiros passos para o reconhecimento da comunidade, houve um momento de comemoração do dia das mães, onde a professora foi convidada a falar sobre ancestralidade e maternidade



a convite da Pastoral Afro foi um momento de mobilizar a comunidade sobre o debate da identidade quilombola. As reuniões comunitárias com esta pauta aconteceram na igreja, sendo a primeira 22 de julho de 2023, as quais ocorreram mensalmente nos meses seguintes

Em 09 de setembro de 2023 aconteceu a reunião para orientar as pessoas da comissão sobre os documentos necessários e distribuição de tarefas aos membros, houve também a reunião do dia 07 de outubro deste mesmo ano que contou com a presença da professora Izabel e seu Caciano, nesta reunião foi feita ata para ser entre a Fundação Palmares. Depois se definiu que as reuniões da comissão seriam no terceiro sábado de cada mês para debater com os moradores e as comunidades vizinhas as questões quilombolas.

Havia o entendimento por parte da comissão da necessidade de ampliar e fomentar essa discussão com as outras comunidades, para fortalecer a ancestralidade e coletividade deste território. Apesar das diversas iniciativas para envolver as demais comunidades, na luta pelo reconhecimento do território do Distrito da Matinha como quilombola, não conseguiu-se atingir esse objetivo de mobilizar as outras comunidades, no entanto permanecemos com os debates com os moradores da comunidade.

A elaboração do relatório começou com as visitas da professora Ednalva as famílias a princípio acompanhada por um familiar para viabilizar o seu deslocamento, por conta de suas limitações físicas, depois acompanhada das moradora Hilda e Diana com a disponibilização do transporte para facilitar o deslocamento na comunidades e a interação com as famílias, pois havia a necessidade de coleta de documentos.

Conclusão

A conquista do reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombo se consolidou com o comprometimento de 15 pessoas que se empenharam em ir buscar dos direitos e as políticas públicas, adquiridos por meio muita de luta das comunidades remanescentes de quilombo, e ao mesmo tempo fomentar o debate sobre a identidade quilombola na comunidade, na busca pela defesa do território.

Para Kilomba (2019), “pensar a potencialidade política, cultural, social, simbólica e histórica dessa coletividade formadora de pertencimentos e saberes ancestrais.”



Essa luta deve como base a proteção do território e das pessoas que o habitam, com vistas a preservação do seu jeito de viver e ser do quilombo, em respeito aos nossos princípios de ancestralidade, oralidade, coletividade, religiosidade.

A dedicação de cada membro da comissão nas atividades foi fundamental para conseguir o reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombo, permeados de valores como coletividade, partilha, somados ao desejo de contribuir para desenvolvimento comunidade, tornou esse grupo forte e unido em torno do bem estar coletivo.

Segundo Fonseca (2021. pg 58), “a resistência negra passa a ganhar novas dimensões no processo de ressignificação da identidade quilombola, reafirmando a perspectiva de reconhecimento do direito de propriedade da terra à população quilombola.”

A comissão ainda não foi formalizada, no entanto permanecem na mobilização para o fortalecimento e o crescimento da comunidade, em diversas ações entre elas, formações aos diferentes públicos homens, mulheres, crianças, adolescentes, assim como reuniões para elaboração de estratégias, articulação com outros setores da sociedade para ampliar a rede de apoio. Nessa perspectiva a coordenação de projetos permanece ativa na buscar por concorrer a editais para conseguir recursos para a organização da instituição e desenvolvimento das atividades.

A partir desta experiência foi possível identificar o processo de organização comunitária para a conquista da certificação da comunidade, do quanto foi fundamental o trabalho realizado pelo coletivo de mulheres para alcançar o êxito das ações. E o quão será desafiante permanecer na luta e resistência para o desenvolvimento e proteção do território quilombola.



Referências bibliográficas

Brasil. Constituição (1988)] **Constituição da República Federativa do Brasi**l: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas,2016.

FONSECA. Francisca das Virgens. Os desafios socó educacionais e comunitários nos processos de reconhecimento e fortalecimento dos territórios Tradicionais Quilombolas: o caso da fazenda Candeal II\Francisca das Virgens .2021.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: episódios de racismo quotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MACHADO-SPENCE, N.C.F. O WhatsApp Messenger como Recurso no Ensino Superior: **Narrativa de uma Experiência Interdisciplinar.** Revista de Educação Vale do Arinos. v.1, n.1, p.3-12, 2014.

MOURA, J. F. de. **Narrativas de vida de professores da educação infantil na constituição da formação docente: as marcas e as ausências da matemática escolar**. 2015.177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade São Francisco, Itatiba/SP, 2015.

Nascimento, Beatriz. Narrativas transatlânticas de mulheres negras / Beatriz Nascimento. -- 1. ed. -- Salvador, BA :Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras, 2022.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

Souza, Railma dos Santos. Memória e história quilombola: experiência negra em Matinha dos Pretos e Candeal (Feira de Santana/BA) / Railma dos Santos Souza. – Cachoeira, 2016.

TOMAZ, Paulo Cesar. **A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil. Revista de história e estudos culturais**, v. 7, n. 2, p. 1-12, 2010. Acesso em setembro de 2022.

MORAES, Daniela Paiva Yabeta. **Quilombos do sul fluminense: história, memória e direito na luta pela titulação de seus territórios.** In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 7, 2015, Curitiba. Anais... Curitiba: UFPR, 2015.